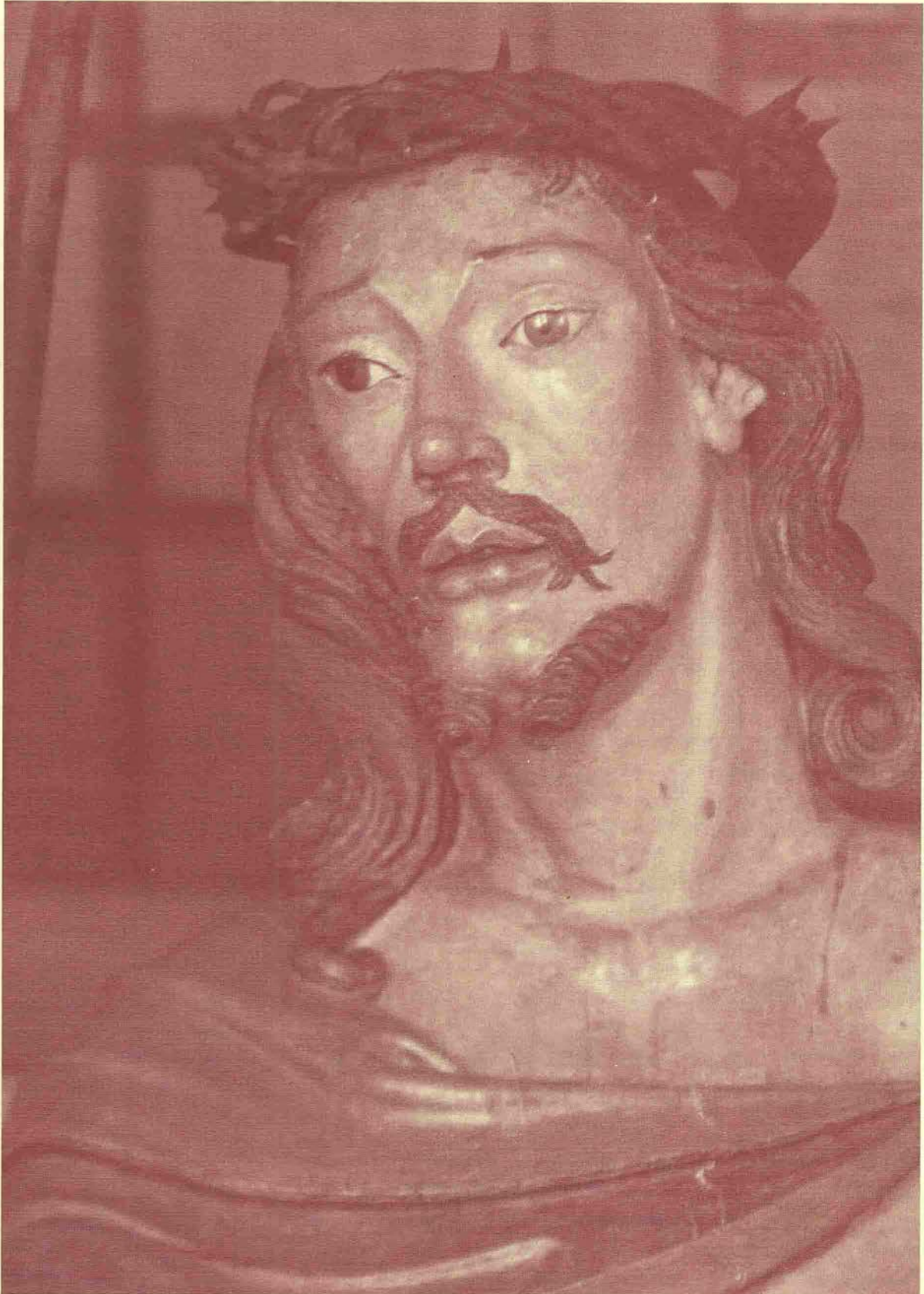




# *isto é inconfidência*

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XII • Nº 26 • 2010



**Aleijadinho Ainda Contestado**

páginas 4 e 5



# editorial

**H**avendo conquistado grande prestígio com a realização de suas obras fundamentais, documentalmente comprovadas por recibos assinados e pelas referências dos viajantes estrangeiros, que mesmo sem condição de o entender se desconcertaram diante de um trabalho pujante, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, sofreria as consequências da sombra que, após a independência, acabou se estendendo sobre a cultura colonial. Pretendendo conquistar autonomia também nesse terreno, os criadores brasileiros entraram a procurar novos caminhos, a querer respirar novos ares. Recusavam tudo o que significasse sobrevivência de Portugal, memória de um período de dominação que devia ser extirpado da consciência do país. E o espaço acabou invadido pelo neoclassicismo de procedência francesa, que chegou até a ameaçar a integridade e coerência da malha urbana de Ouro Preto, com impróprias iniciativas de modernização de fachadas. Não existindo condições para se criar em termos de autonomia brasileira, uma vez que ignorávamos o que verdadeiramente éramos, os artistas locais se satisfizeram com o desejo de mostrar independência ao escolher o que desejavam imitar.

Antônio Francisco Lisboa, sem dúvida o maior sacrificado, teve que aguentar no ostracismo um século de prestígio agonizante. A luz só voltaria a ser projetada sobre seu trabalho quando, numa espécie de introspecção em profundidade, as próprias bases da sociedade se recompuseram, produzindo uma mudança radical de mentalidade. Os tenentes do Forte de Copacabana, demonstrando descontentamento com a situação existente, puseram-se na rua em marcha revoltosa. Surgia ali o primeiro sinal da ascensão da classe média, logo acompanhado pelo desencadear do processo de industrialização, que determinaria o aparecimento das massas operárias das grandes metrópoles. Estava ferida de morte a política dos grandes proprietários do interior – os chamados “coronéis” –, poder dominante através da conhecida prática do voto de cabresto ou do desaparecimento de urnas, em caso de insucesso do candidato de conveniência. Reflexo da Primeira Guerra Mundial, essa infraestrutura iria determinar o aparecimento da Semana de Arte de São Paulo, marco zero de uma maneira nacional de encarar o mundo. A partir dali, assumiríamos de fato uma personalidade diferenciada, deixando de ser, como povo e sociedade, mero reflexo do que chegava do exterior.

O abalo inicial, que naquele momento parecia sem maiores consequências, surgiu com a viagem de Mário de Andrade para visitar, em Mariana, o poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens. Sensibilidade à flor da pele, o jovem principiante nas letras deixou-se fascinar pelas cidades históricas mineiras e o Aleijadinho. Com acuidade chegou a compreender, naquelas paragens longínquas do interior é que se encontravam as raízes da produção nacional mais genuína. E em 1922, ao se destacar como um dos chefes do modernismo, corrente que, assumindo postura de fato revolucionária, andava a procura do que pudesse definir a nossa originalidade, o futuro autor de Macunaíma indicou, o caminho para se enxergar uma das faces do Brasil seria o da recuperação do que produzira o passado luso-brasileiro. A trajetória vitoriosa de Antônio Francisco Lisboa nos tempos modernos, que só faz crescer, foi resultado da encruzilhada da evolução social e as novas ideias que marcaram a primeira metade do século XX.

*Capa:*

CRISTO COROADO DE ESPINHOS  
SANTUÁRIO DE SÃO BOM JESUS

*Errata:*

No número anterior, na capa e na página 4,  
onde se lê “ascensão”, leia-se “ascensão”.

## isto é inconfidência

ANO XII • Nº 26 • 2010

ISSN 2177-0212

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

MinC - IBRAM - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

[inconfidencia@veloxmail.com.br](mailto:inconfidencia@veloxmail.com.br)

Tiragem:  
1500 exemplares

Periodicidade:  
trimestral

Projeto Gráfico  
Laís Freire dos Reis

Editor  
Rui Mourão



**ibram**  
instituto brasileiro de museus

Ministério  
da Cultura



GOVERNO FEDERAL



O culto e a iconografia da Imaculada Conceição vigorava em Portugal e no Brasil no início da colonização da região aurífera. A devoção a essa invocação de Maria foi estimulada pelos poderes oficiais – espiritual e temporal – segundo tradição do Estado Absolutista português, nos termos do Direito do Padroado Ultramarino. Também pelas ordens religiosas leigas e pela participação popular, com festas, procissões e peregrinações.

O desenvolvimento urbano, propiciando a constituição de uma estrutura social diversificada e estratificada, teve como consequência a propagação do catolicismo, pela Capitania de Minas Gerais, sendo grande a demanda de festas. Cabe lembrar também que, nesse movimento de expansão, a Igreja pós-tridentina deu grande importância aos aspectos visíveis da fé. Ela sempre reconheceu o valor do apelo emocional e sensorial expresso nos grandes eventos religiosos, em que o sagrado e o profano coexistiam. Em *a Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800)*, Hoonart enfatizou: "Essa mentalidade prosseguiu dominando nos séculos seguintes. Por essa razão, a implantação e a organização da Igreja colonial terão como características uma igreja marcada pelo culto exterior, pelas festas, procissões e romaria". E observou: "Aliás, tudo isso estava de acordo com a mentalidade medieval. Dava-se mais importância aos símbolos exteriores da fé do que à mesma vivência interior" (Vozes, 1983, p.155-156). A propósito, recorde-se a observação de Del Priore em *Festas e utopias no Brasil colonial: "O Barroco, por sua vez, forjou um conjunto de instrumentos articulados para preservar o sistema absolutista, tendo nas festas um dos exemplos mais espetaculares e persuasivos"* (Brasiliense, 2000, p.15). Por determinação de D. João V, tornou-se obrigatória, dentre outras, a festividade da Imaculada Conceição, padroeira do Reino e das terras do além-mar, com ênfase nos atos externos, principalmente as procissões.

Dado o número de locais de culto onde sob a invocação de Maria ou de seu Filho, aconteceram intervenções milagrosas, realizavam-se romarias ou peregrinações. Inúmeros fiéis acorriam a esses lugares para buscar a cura, agradecer benefícios alcançados, solicitar ajuda para bons negócios ou bem-estar físico e financeiro da família. Na região do ciclo do ouro, no arraial de Antônio Pereira que levou o nome do pioneiro Antônio Pereira Machado – um dos primeiros moradores da Vila do Ribeirão do Carmo, Mariana –, foi iniciada essa prática então dedicada a Nossa Senhora da Conceição da Lapa.

Como não poderia deixar de ser, o uso de imagens religiosas atendia às necessidades do culto, contribuindo para a evangelização. A doutrina cristã tornava-se mais acessível mediante a representação das imagens. E a preponderância das invocações, dos oragos, das irmandades e confrarias, das festas dedicadas à Virgem Maria comprovavam o apreço dos mineiros pela figura feminina glorificada em Maria de Nazaré. Boschi, em *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*, observou: havia quatorze irmandades dedicadas a Ela, o que testemunha a importância dessa devoção no cenário colonial mineiro (Ática, 1986, p.189).

Para essa tarefa de ensinamento e do culto, a Igreja utilizou as habilidades de profissionais inicialmente só portugueses, depois portugueses e nativos. Esses artistas mantinham-se submissos à iconografia religiosa vigente nos grandes centros europeus, principalmente dos séculos XVII e XVIII. Em inúmeras obras podem-se comprovar as influências e os empréstimos provenientes de variados estilos e escolas. Também os mineiros faziam uso de estampas ou gravuras como modelo. O pintor João Nepomuceno Correia e Castro, por exemplo, deixou estampas e risco para seus aprendizes, como consta do seu testamento: "Declaro que todas as estampas que tenho,

## Imaculada Conceição em Minas

riscos e debuxos, os deixo a Francisco de Paula e Bernardino de Sena meus aprendizes" o que comprova, o pintor se servia desse material e, para o mesmo fim, o transferia aos aprendizes.

No programa iconográfico relacionado com a Imaculada Conceição, tanto nas manifestações pictóricas como nas escultóricas, a indumentária das representações seguem principalmente as determinações da obra *El arte de La pintura* (1649), do tratadista e pintor Francisco Pacheco, baseadas na visão que teve a portuguesa Beatriz Silva: túnica branca e manto azul. O pintor espanhol Bartolomé E. Murillo, da escola madrilenha do século XVII, levou esse tema às últimas consequências, consagrando as cores concepcionistas – branco e azul – que se tornaram protótipo ou modelo da Imaculada Conceição.

Em Minas Gerais, os oragos imaculistas mais antigos estão geralmente nas primitivas matrizes, como a da Vila do Ribeirão do Carmo, na Sé-Catedral de Mariana, e a de Vila Rica na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias. Com a elevação do arraial a vila, em 1711, a Capela de Nossa Senhora do Carmo, da primeira, foi substituída pela Matriz de Nossa Senhora da Conceição. E quando da elevação a cidade, em 1745, a criação da diocese e a subida da matriz à categoria de catedral por resolução do papa Benedito XIV, o orago ficou sob a égide de Nossa Senhora da Assunção. Além do significado religioso, vê-se o político, patrocinado pela monarquia lusitana. Mas na realidade, Nossa Senhora da Assunção, que está no pano de boca do retábulo-mor, é a representação da Assunta Imaculada, uma vez que guarda os atributos da *Mulher do Apocalipse*. A Virgem Maria, de pé, elevada ao céu por anjos, paira sobre o globo terrestre coleado pela serpente, que abocanha a maçã, encimada pelo crescente lunar com os cornos voltados para baixo. Sobre a cabeça resplandece uma auréola de doze estrelas, alusão aos signos do zodíaco, às doze tribos de Israel (Gn 37, 9) e ao colégio dos apóstolos. O retábulo colateral do arco-cruzeiro, lado do Evangelho, executado por José Coelho de Noronha, também é consagrado a Nossa Senhora da Conceição. Na segunda Matriz, vê-se no trono do retábulo-mor a representação escultórica da Imaculada, de influência murilesca, e os símbolos da litania, nas ilhargas da capela-mor.

Dentre os artistas mineiros setecentistas, destaca-se o pintor e guarda-mor marianense João Nepomuceno Correia e Castro, que expressou a fé e a confiança do povo mineiro em Maria Imaculada. A intervenção providencial da Virgem na obra da salvação é lembrada em pelo menos três representações da Nossa Senhora da Conceição. Duas pertencentes ao acervo do Museu da Inconfidência, uma ao do Museu de Arte Sacra de Mariana.



N.S. DA CONCEIÇÃO, JOÃO NEPOMUCENO, MI



# Aleijadinho

## Ainda

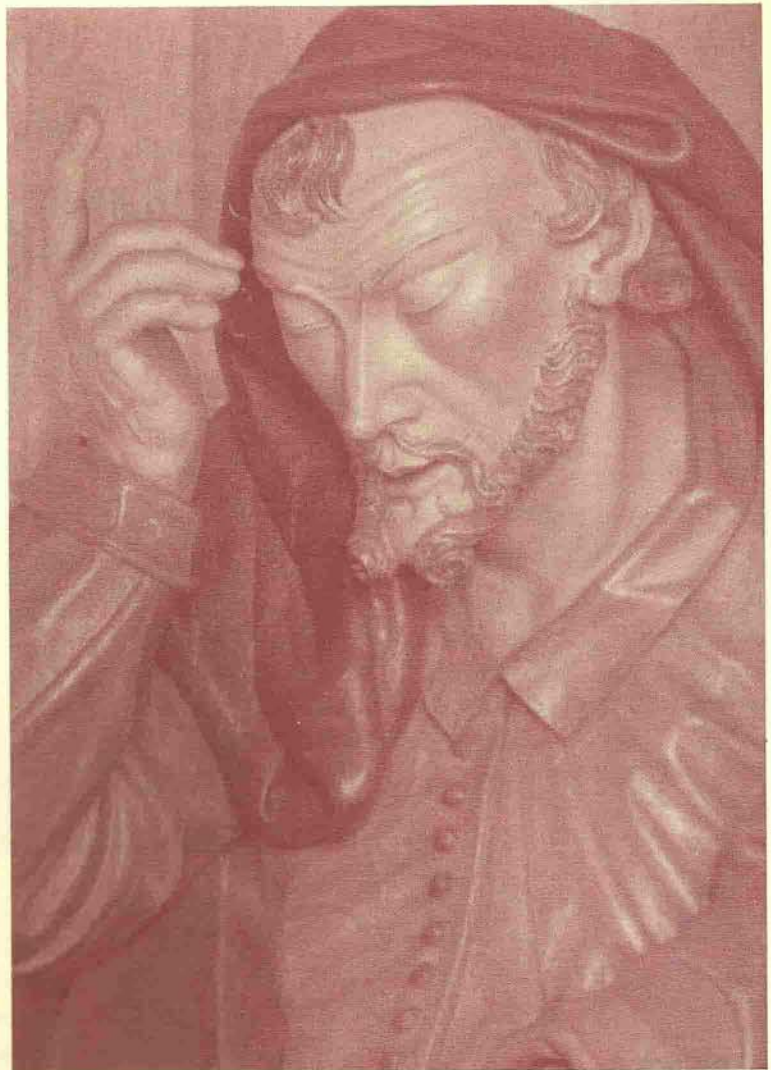
### Contestado

**A**utor de obra de extrema grandeza, reconhecido pela consciência crítica mais avançada como marco zero de uma tradição artística tipicamente latino-americana, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, devido à moléstia que o levou quase à beira da incapacidade física e à circunstância do aparecimento tardio das informações históricas sobre a sua pessoa e seu trabalho, tem sido motivo de contestações que chegam a negar-lhe a própria existência.

De certa forma, isso acaba sendo um motivo a mais de consagração, fazendo crescer sua saga já legendária. Fenômeno semelhante ocorreu com William Shakespeare, Luiz de Camões enquanto poeta lírico e outros. Num campo de completa liberdade como a ficção, explorando a contundência da abordagem – sempre de efeito junto ao público –, até Tiradentes foi objeto de romance de Assis Brasil, no qual aparece dito com todas as letras, o herói da luta pela independência não subiu à forca. Substituído no sacrifício por outra pessoa, acabou em Portugal, protegido da Corte, só não ficando esclarecido se chegou a ter um caso amoroso por lá.

#### Correção Histórica

As referências, nos séculos XVIII e XIX, à pessoa do escultor e suas condições físicas de trabalho são muitas. O pesquisador Francisco Magalhães Gomes, em artigo ainda inédito, arrolou indicações feitas por Germain Bazan, autor dos livros *A Arquitetura religiosa no Brasil* e *O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*: "Ele tinha as mãos paralisadas e era preciso que lhe prendessem o cinzel", Wilhem Eschwege, 1811; "Ele não tinha mais mãos e era preciso prender o martelo e o cinzel no seu punho", John Luccok, 1811; "Ele perdeu o uso das extremidades e fazia-se amarrar os ferros à extremidade do antebraço", Antoine de Saint Hilaire, 1818; "As estátuas de Congonhas foram esculpidas por um homem sem mãos", Friedrich von Wech, 1850; "A porta da igreja principal de Sabará foi executada por um homem sem mãos", Francis de Castelnau", 1850; "Perda dos dedos da mão, salvo o polegar e o indicador. Martelo e cinzel amarrados às mãos deficientes", Rodrigo Bretas, 1858; "As esculturas de São Francisco, de São João del Rei, são frutos da habilidade manual de um homem que não tinha mãos" Richard Francis Burton, 1868.



SÃO PEDRO ADORMECIDO. SANTUÁRIO DE SÃO BOM JESUS

As afirmações dos viajantes estrangeiros podem ser confirmadas pelo exame das obras dos mesmos, acessíveis nas boas bibliotecas brasileiras. A atribuída a Rodrigo José Ferreira Bretas tem sido objeto de contestação, por apoiar na Memória dos fatos notáveis de autoria do 2º vereador da Câmara de Mariana, Joaquim José da Silva, no Livro de Registro da instituição, que desapareceu e até hoje não pôde ser localizado. Esgotadas as buscas levadas a efeito nos mais variados arquivos do país, e descrentes quanto à possibilidade de o documento haver sido destruído por causas naturais, certos pesquisadores, sem respeitar a honestidade intelectual do autor de *Traços Biográficos do Finado Antonio Francisco Lisboa*, chegaram a criar a versão de que o repositório de crônicas nunca existira, teria sido invenção para sustentar a veracidade de uma obra sensacionalista. Acontece que o historiador Cássio Lanari, em ensaio publicado em 1979, no *VI Anuário do Museu da Inconfidência*, comprovou a existência do Livro de Registro de Fatos Notáveis da Câmara de Mariana e da Memória escrita pelo Vereador Segundo em 1790. O texto, exemplarmente documentado, não dá margem a contestação.

Numa citação da crônica do vereador Joaquim José da Silva feita por Bretas, o construtor e decorador Antônio Francisco Pombal é referido como sendo irmão de Manuel Francisco Lisboa, revelação que até hoje não apareceu em nenhum outro documento. Como a certidão de casamento de Manuel Francisco Lisboa, na matriz ouropretana de Antônio Dias, o dá como "filho



legítimo de João Francisco e Madalena Antunes, natural de Odivelas, termo do arcebispado de Lisboa”, Cássio Lanari foi levantar em Portugal as certidões de nascimento, comprovando que Manuel Francisco e Antônio Francisco efetivamente eram irmãos, nascidos “no lugarejo chamado Pombais, pertencente à freguesia do Santíssimo Nome de Jesus, de Odivelas, uma das paróquias do arcebispado de Lisboa”. Dessa maneira ficou provado, o trecho incluído na biografia de Aleijadinho efetivamente foi transcrito da Memória do segundo vereador de Mariana.

### Negação do Nome

O historiador A. J. R. Russel-Wood, autor de biografia sobre Manoel Francisco Lisboa, publicada pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, em 1968, talvez influenciado pelos que insistiam em negar a existência da Memória do vereador Joaquim José da Silva, chegou a referir-se a Antônio Francisco Lisboa como “suposto” filho de Manuel Francisco Lisboa. E continuando a demonstrar elevado grau de suspeição a respeito da veracidade das informações de Bretas, o pesquisador inglês chegou a duvidar do próprio apelido “O Aleijadinho”, que teria sido inventado pelo autor dos *Traços Biográficos* – quando não é verdade, muito antes no texto *Em torno da História de Sabará*, de Zoroastro Vianna Passos, publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº5, 1940, p.160 –, esse designativo aparecera, e a contestação do sobrenome “Lisboa”, que considera mero designativo de origem de local de nascimento, não deixa de ser surpreendente, por estar em jogo uma pessoa a respeito de quem jamais se poderia pensar em procedência europeia. Mas Russel-Wood foi ainda mais longe. Sem comprovar, chegou a dizer que os códices do século XVIII continham tantas alusões a Antônio Francisco Lisboa em Ouro Preto, que só poderiam “referir-se a mais de uma pessoa”. Examinando todos os códices existentes, o pesquisador brasileiro concluiu também pela improcedência da alegação.

Embora o ensaio de Cássio Lanari tenha posto por terra todas essas inconsistências, infelizmente elas continuaram sendo usadas para negar a existência e a personalidade excepcional do criador mineiro, patrono das artes no Brasil, cuja característica maior é a originalidade.

### Antecipador do Futuro

Como estudos foram, com o tempo, apontando temas, motivos, às vezes simples detalhes ornamentais de criações do passado, na obra de Antônio Francisco Lisboa, levantou-se a suspeita de que o maior criador do chamado barroco mineiro não possuía originalidade. Essa opinião foi equivocadamente reforçada quando a pesquisa concluiu que ele utilizara, na condição de modelos, estampas alemãs e de outras procedências. E se chegou ainda mais longe nesse sentido, na emergência de outros estudos que vieram revelar, a estética

praticada por Aleijadinho era anterior à do seu tempo, ele procedia da mesma forma que os criadores do Renascimento, recriando as obras dos grandes mestres. Acontece que a famosa emulação, fato por demais conhecido, não reduzia nenhum criador ao servilismo da simples cópia de modelos. Emular era disputar, se possível superar. Não significava, em absoluto, renúncia à capacidade criadora. A partida para imitar significava disposição para competir, recriar.

Quem estiver interessado em ver definida de maneira objetiva a originalidade de Aleijadinho, que faça a aproximação da obra dele com a de Francisco Xavier de Brito, artista português falecido quando o ouropretano não passava de adolescente mas que sem dúvida o influenciou. Seria interessante utilizar, por exemplo, o coroamento de altar Santíssima Trindade, realizado para igreja de Santa Bárbara, que atualmente integra o acervo do Museu da Inconfidência. Os traços que, possivelmente saídos dali, passariam a ser recriados pelo escultor brasileiro, encontram-se visíveis em figuras de santos, anjos, e mesmo nos planejamentos. O que não se vê na obra do antecessor são a intensa dramaticidade e a plasticidade, características que estabelecem distância de anos luz entre o mestre e o discípulo. Outra comparação que talvez produza resultado ainda mais expressivo é a que tantas vezes tem sido feita entre o conjunto escultural de São Bom Jesus, de Congonhas do Campo, e o do Santuário de Braga, considerado pelos especialistas como inspirador daquele. Mesmo a pessoa mais desarmada do ponto de vista crítico não encontrará dificuldade em apontar de que lado ocorreu o fenômeno do vôo livre da genialidade.

A obra como produto acabado, vivo, independente de todas as motivações que contribuíram para a sua criação, por estarem fundidas numa co-realidade, é a compreensão mais avançada a que chegou a estética dos nossos dias e ela é que deve ser aplicada para a avaliação daquilo que produziu Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, artista que foi além da sua época e precisa ser encarado, necessariamente, como um antecipador da modernidade. A crítica comparativa é válida para a análise de obra consagrada, se tiver condições de contribuir para ampliar a significação do produto acabado, não quando o seu intento seja o de desmerecê-lo. A história da evolução dos gêneros é legítima e deve ser invocada para a compreensão de realizações que se encontrem superadas ou incompreendidas no presente – perderam contato com uma temporalidade que não é mais a sua –, mas podem ainda de alguma forma serem recuperadas no seu entendimento, através de uma abordagem relativizada. Para que haja compreensão realmente ampla do que a estética atual vem exigindo em matéria de abordagem do produto artístico, que fique bem esclarecido, a crítica genética tem mais aplicação é no estudo de períodos artísticos. Um fenômeno como o do Aleijadinho, que na sua plenitude participa do momento em que estamos vivendo, tem que ser tratado é em termos de contemporaneidade.



# Loja & Café



Alcançando picos de visitação durante férias escolares e feriados prolongados, o espaço vem recebendo elogios de gente de toda a parte, que compara a estrutura e o requinte do local com os dos museus europeus.

## Café

Após caminhar pelas ladeiras de Ouro Preto ou pelas salas do museu, os visitantes encontram lugar aconchegante para pausa ou lanche. No cardápio, é dada preferência a artigos caseiros, em sua maior parte, produzidos na região. Dentre eles, salgados, tortas, doces, biscoitinhos diversos e o tradicional pão de queijo mineiro.

## Artigos Exclusivos

Publicações a respeito do Museu da Inconfidência e seu acervo, incluindo folhetos em braile, dividem as vitrines com livros sobre história do Brasil e de Minas Gerais, coleção de fotografia de escolha da Princesa Isabel, arte barroca e expoentes da arte colonial, como Aleijadinho, e livros técnicos do Iphan. Há também o CD *Música do Brasil Colonial: Compositores Mineiros*, álbum que apresenta o Brasileessentia Grupo Vocal e Orquestra, sob regência de Vitor Gabriel, interpretando obras sacras de compositores dos séculos XVIII e XIX. A Loja procura também valorizar a produção artística da região, oferecendo esculturas e entalhes de artistas da cidade e arredores.

## Jogos

Um dos destaques é a diversidade dos jogos, que apresentam aspectos e curiosidades sobre a formação de Vila Rica, além de utilizar elementos do próprio museu. Dentre eles está o Gamão, jogo trazido pelos portugueses, cujos vestígios apontam sua prática no período do movimento da Conjuração Mineira; Jogo do Encontro, baseado no tradicional Ludo, com tabuleiro retratando a praça Tiradentes e objetos do acervo do Inconfidência; Lógica, inspirado em jogos praticados por escravos africanos na antiga Vila Rica; Jogo da Onça, com origem em tribos indígenas brasileiras do período anterior à chegada dos colonizadores e quebra-cabeças com imagem de um oratório de esmolar do século XVIII, também acervo da instituição.

6

**P**arada obrigatória para turistas e moradores de Ouro Preto em visita, a Loja e Café do Inconfidência, inaugurada em agosto de 2009, completa a terceira etapa do projeto de modernização do museu. O espaço propicia momento de descanso, permitindo ao visitante refletir sobre a reforma levada a efeito na instituição e consolidar a nova visão que passou a ter das coleções.

Acompanhando o crescimento turístico do setor, a Loja segue tendência internacional, reduzindo as distinções entre comércio e arte. Localizada no andar térreo da instituição, oferece ambiente agradável e *souvenirs* de qualidade, capazes de atender ao diversificado gosto de seus clientes. Dentre artigos de papelaria, moletons, lanternas, jogos e cópias da sentença condenatória de Tiradentes, estão os campeões de venda: livros, canecas, *squeezes*, camisetas com logomarca ou estampa de objetos do acervo do Inconfidência. Outros itens, como cartazes, postais e quebra-cabeças, também trazem imagens de obras de arte presentes nas salas do museu.

Trata-se de uma aproximação entre indivíduo e arte, como afirma a antropóloga Rita Alves de Oliveira no artigo "Uma feira moderna para um público de massa", no qual relembra que, para Walter Benjamin, sociólogo associado à Escola de Frankfurt, a reprodução técnica significava a atrofia da aura, mas havia libertado, ao mesmo tempo, a obra de arte do domínio da tradição. Para o grande analista da cultura, essa nova realidade aproximaria o indivíduo da obra. O que ele não podia imaginar, porém, é que nas lojas de *souvenirs* dos museus contemporâneos os originais teriam sua aura reforçada pela venda de suas reproduções em objetos do cotidiano.



**Semana Nacional de Museus 2010 - Museus para a Harmonia Social**

De 16 a 23 de Maio

**Tenda montada na praça Tiradentes:**

Dia 16 de maio

- 15h – Apresentação de Corporação Musical de Ouro Preto

De 16 a 23 de maio

- **Exposição: "Diversidade da Arte Oouropretana"** - Artistas plásticos locais
- Apresentação de Instituições locais que trabalham para a construção da Harmonia Social: Fundação Sorria, Fundação Aleijadinho, Rotary e Rotaract Clubes de Ouro Preto, esta última com a Campanha de Proteção ao Meio Ambiente "Papa Pilhas" – Doação de pilhas para reciclagem. (Doe 10 pilhas usadas e ganhe um brinde)

Dia 18 de maio – Dia Internacional dos Museus / Dia Nacional da Luta Antimanicomial

- 12 às 21h - Museu da Inconfidência aberto à visitação pública com entrada franca
- 20h - Apresentação do Grupo de Música Antiga da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Regência: Domingos Sávio Lins Brandão

**Oficinas educativas:**

Dias 17 e 18 de maio

- 10 às 12h – 14 às 16h

Artesanato em Taquara – Artesãos do Distrito de Lavras Novas

Dias 19 e 20 de maio

- 13 às 17h

Bonecas de Pano – Artesãs do Morro São Sebastião

Dias 21 e 22 de maio

- 13 às 17h

Produção Artesanal de Mosaicos e Decupagem - Aprendizizes da Fundação Aleijadinho

Participação nas oficinas – Inscrições pelos telefones (31) 3551.6023 e 3551.4977

Dia 22 de maio

- 15h - Apresentação do Grupo de Dança Studio Anuar

Dia 23 de maio

- 15h – Apresentação de Corporação Musical de Ouro Preto

**Sala Manoel da Costa Athaide, Anexo I**

Exposição de curta duração, realizada em parceria com o Museu Nacional de Belas Artes, (Rio de Janeiro): "Um Olhar sobre a Batalha de Guararapes: Interfaces". Visitas Orientadas com agendamento prévio.

**Auditório do Museu da Inconfidência, Anexo I**

Exibição de filmes e documentários:

De 17 a 21 de maio, às 15 e às 19h

Vídeos Institucionais: Fundação Sorria e Fundação Aleijadinho

Filme: A Batalha de Guararapes, 1978, Brasil

**Participação dos alunos do curso de Museologia da UFOP e do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto:**

16 de maio – domingo

- 16h: Abertura da exposição itinerante "Lenheiras: buscando lenha e fazendo história". Exibição do clipe: "Cultura Patrimônio e Cidadania no Ecomuseu da Serra de Ouro Preto". Palestra dos alunos do curso de Museologia, bolsistas do Programa Ecomuseu.

**Encontro com as comunidades: "Ver para crer, olhar para sentir"** - De que maneira o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto pode contribuir para a harmonia social do seu bairro?

17 de maio

- 15h: Salão União Recreativa Sebastianense – Morro de São Sebastião

18 de maio

- 15h: Fundação Auta de Souza – Morro de Santana e Morro São João

21 de maio

- 19h: Casa do Sr. Vicente Juliano de Oliveira – Morro da Queimada

**Cineclube Museu da Inconfidência**

Auditório, Anexo I

Acesse <http://cineclubemuseu.wordpress.com> e confira a programação mensal.

**Ciclo de debates**

O Cineclube Museu da Inconfidência, patrocinado pela Caixa Econômica Federal, em cumprimento do seu programa, está prometendo para os dias 10, 11 e 12 de junho um ciclo de debates com profissionais consagrados da crítica especializada. Sempre com a coordenação de Walter Nascimento, o explicador usual de filmes, será passada em revista, em termos simples e objetivos, para entendimento de um público diversificado, a evolução da técnica cinematográfica desde os seus primórdios, quando se iniciou a projeção da fotografia em movimento, com os irmãos Lumière. Trechos de produções clássicas que ilustram as etapas de avanço serão exibidos e comentados.

**Sala Manoel da Costa Athaide**

Exposições de curta duração

Visitação: de terça a domingo, das 12h às 18h

Inauguração: 16 de abril de 2010

Visitação: de 17 de abril a 18 de julho de 2010

A mostra traz aspectos do episódio ocorrido no século XVII em Jaboatão, sul da capital pernambucana, quando índios, negros e portugueses saem vitoriosos da luta contra a invasão holandesa no Brasil, relacionando a batalha a outro movimento significativo para a criação de um Estado brasileiro: a Conjuração Mineira

**O QUE DISSERAM DE NÓS**

*Agradecemos a camiseta do Cineclube Museu da Inconfidência e aproveitamos a oportunidade para cumprimentar a equipe da instituição pelo projeto.*

ROSE MIRANDA  
COORDENADORA GERAL DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO MUSEAL / IBRAM

*Desejamos sucesso na realização da exposição "200 Faces de Jesus de Nazaré".*

EQUIPE DO MUSEU DAS MISSÕES

*Parabéns pela inauguração da exposição "200 Faces de Jesus de Nazaré".*

FABRÍCIO FERNANDINO  
DIRETOR DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

*Agradeço o envio da publicação Isto É Inconfidência, muito interessante e ilustrativa.*

SANDRA BRECHERET PELLEGRINI  
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO ESCULTOR VICTOR BRECHERET

*É com muito prazer que acusamos o recebimento e agradecemos a publicação Isto É Inconfidência.*

SANDRA LÚCIA PINHO  
BIBLIOTECA DO MUSEU IMPERIAL

*Quero agradecer o recebimento, sem falha, do ótimo periódico Isto É Inconfidência.*

MARISA POYARES  
NOVA FRIBURGO – RJ

*Parabéns pela conservação e pelo conteúdo do Museu da Inconfidência.*

CARLOS INABA



## Saúde do Homem

Enfatizando a importância da prevenção e procurando estimular hábitos que possam melhorar a qualidade de vida, o Museu da Inconfidência realizou, em março, a Semana da Saúde do Homem. Durante quatro dias, com o apoio de projeção de filmes, especialistas das mais diversas áreas debateram com o público reunido no auditório do Anexo I temas como acidente vascular cerebral, diabetes, câncer de próstata e a importância de ser mantida alimentação saudável. A iniciativa teve repercussão além da habitual junto aos veículos de comunicação da cidade, talvez pela surpresa da denominação do evento, que renovou o clichê "saúde da mulher". O efeito publicitário resultou muito favorável. O comparecimento foi numeroso, permitindo um difundido resultado que agradou tanto a assistência quanto os organizadores da promoção.

## Audioguias

O Inconfidência disponibilizará a seus visitantes, nas próximas semanas, uma novidade tecnológica que o colocará em condições de competir, no atendimento ao público, com as melhores instituições museológicas do mundo. Um guia eletrônico poliglota, de fácil manipulação, dominando três línguas – português, inglês e espanhol – será oferecido na recepção, para ser alugado a quem estiver interessado em reforçar o entendimento da exposição. Informações completas lhe serão repassadas diretamente ao ouvido, sem incomodar quem estiver ao lado. O equipamento possui inteligência que lhe permite orientar sobre a maneira de sua utilização e permitir ao usuário optar pelo tipo de visita – mais longa, mais curta ou com a exclusividade de um setor – que deseje fazer.

## Plano de Cultura

O início do ano foi de movimentação dos setores interessados

em contribuir para o novo Plano Nacional de Cultura, que será proposto pelo Ministério. A sociedade civil, arrematada para participar de pré-conferências organizadas pelos órgãos públicos estaduais e nacionais, mostrou a vitalidade dos inúmeros segmentos sociais interessados. As sugestões foram numerosas, relevando que existe muito que fazer para impulsionar o desenvolvimento da área no país. A contribuição do Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM veio comprovar grande vitalidade da sua área de atuação e a capacidade de liderança de uma equipe que deverá assumir posição na linha de frente da arrancada de desenvolvimento em que o país definitivamente se engajou.

## Oficina

No corrente mês, será lançado mais um número de *Oficina do Inconfidência-Revista de Trabalho*, órgão que divulga o resultado de pesquisas originais sobre assuntos relacionados com o Museu e o seu campo de atividade. Essa quinta edição reúne estudos realizados pelo grupo Justiça, Administração e Luta Social – JALS, sediado em Mariana, rica análise de conflitos e formas institucionais dos séculos XVIII e XIX no Brasil. Um ensaio à parte procura dissecar a natureza da instituição museu, acompanhando a sua evolução e caracterizando a forma da sua manifestação atual, que no entendimento da autora, se converteu em simulacro, voltada para a promoção de atividades educacionais e culturais.

## Livro Infantil

O Setor Pedagógico já encaminhou para a gráfica uma publicação voltada para o público infantil, de autoria da educadora Ana Laia, que será grande apoio para as atividades desenvolvidas nas dependências da Casa do Pilar, Anexo III do Museu da Inconfidência. Atraente tanto no texto quanto nas ilustrações coloridas, o livro constituirá importante

ferramenta de educação patrimonial. *Chicupim, O Comedor de Histórias* proporcionará ao leitor não apenas entretenimento, também a conscientização sobre a importância do exercício da cidadania, por meio da preservação das memórias individual e coletiva. Os volumes se destinam a distribuição gratuita, no desenvolvimento dos trabalhos específicos do Museu, e a visitantes provenientes de grupos escolares e outras instituições de ensino.

## Réplica

Um saltério do século XVIII, instrumento raro pertencente ao acervo do Inconfidência, exposto na sala das Associações Leigas, está sendo pesquisado pelo Departamento de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, para a confecção de uma réplica. Como retribuição, a instituição de ensino irá fazer a restauração da peça do museu que, para restabelecer sua condição primitiva e produzir som, precisa receber cordas, cravelhas e cavaletes.

## Removedor

Um ativista político anônimo, destituído de espírito público e insensível à importância do patrimônio histórico representado por Ouro Preto, a ponto de não vacilar em fazer pichação na estrutura de pedra do Museu da Inconfidência, na opinião de Lúcio Costa o maior monumento da construção civil brasileira, perdeu pontos em cidadania para a empresa paulista Rocket-Chemical que, tomando conhecimento do vandalismo, nos enviou um removedor de tinta de última geração, capaz de proceder à limpeza sem que os blocos de cantaria ficassem para sempre impregnados de sujeira, devido à sua porosidade. Não é lamentável que uma instituição de outro estado tenha se movimentado para corrigir o ato insano de um ouropretano, que não conhece a grandeza e significação da sua própria terra?